

~~CONTAS~~ DIVIDA
PÚBLICA

Estado tem déficit de 1,3 bilhão

O Rio já acumula um déficit de R\$ 1,3 bilhão nas contas deste ano e o governo estadual informa: não há previsão de quando deverá conseguir equilibrar as finanças. De acordo com o secretário estadual de Fazenda, Nelson Rocha, o aumento de 28% na despesa com o funcionalismo este ano, em relação ao ano passado — que representou um gasto de R\$ 9,4 bilhões com a folha de pessoal ativo e inativo contra os R\$ 6,8 bilhões no período anterior —, é uma das causas das dificuldades em manter os gastos dentro dos limites impostos pela receita.

O secretário de Controle do Estado, René Garcia, explicou que ainda não sabe de onde vai tirar recursos para pagar o 13º salário do servidor. Por mês, de acordo com as suas contas, o funcionalismo consome R\$ 750 milhões. Garcia lembrou que o pagamento de pessoal “é responsabilidade constitucional e prioridade da administração Benedita da Silva” e garantiu que o 13º “será pago até o fim do ano”.

De acordo com René, a interrupção de algumas obras, uma das primeiras medidas adotadas pelo Estado, diminuiu em 30% os gastos públicos. O Estado estuda ainda outras opções de corte que podem incluir mudanças no critério de pagamento da dívida pública, que, na opinião dos secretários, foi negociada de forma eficiente pelo último governo.

Para Nelson Rocha, contudo, outras saídas para o déficit seriam de longo prazo e teriam que ficar a cargo do próximo governo. Entre as opções para aumentar a arrecadação de receita estariam a adoção pelo Estado de políticas fiscais mais austeras e o aumento da arrecadação de Imposto de Circulação sobre Mercadorias e Serviços (ICMS) nos portos do Rio. Segundo o secretário de Fazenda, um maior controle na cobrança do imposto sobre mercadorias importadas nos portos teria um efeito mais rápido sobre as finanças do Estado do que contar com a os tributos a serem pagos por empresas que vierem para o Rio.

A situação das contas públicas do Estado, de acordo com os secretários de Fazenda e Controle, obriga o governo a um esforço diário para tentar chegar a um quadro de empate entre as despesas da máquina pública e a arrecadação. “Não estamos vivendo, mas sobrevivendo. Passamos por dificuldades desde o início da nossa gestão. É como se ganhássemos R\$ 100 por mês e gastássemos R\$ 130, sem contar superfluos. Não houve planejamento prévio”, admite Rocha.